

Trilhas: Compartilhamento de saberes em uma ação interdisciplinar

Hayrles da Conceição Freitas de Moraes Alcântara
Universidade Federal do Ceará
hayrles_freitas@hotmail.com

Ruama Almeida Barreira
Universidade Federal do Ceará
ruamaab@gmail.com

Gabriel Moura Loiola
Universidade Federal do Ceará
gbmoura5@gmail.com

Resumo: O projeto Trilhas desenvolve junto aos estudantes de graduação do curso de música da Universidade Federal do Ceará - UFC, encontros quinzenais com a proposta de uma abordagem interdisciplinar sobre um tema. O projeto já está no seu quinto semestre de existência e utiliza-se de uma metodologia que possibilita a partir de uma temática musical escolhida, a realização de atividades que integrem diversas subáreas da música enquanto campo de conhecimento. Essas subáreas são: história da música, apreciação musical, solfejo, análise, composição e arranjo. As atividades desenvolvidas são estruturadas tendo como base a pedagogia de projetos fundamentada por Prado, 2005. Pretende-se que essas atividades culminem na produção de material didático a partir das experiências vivenciadas. Este trabalho trata-se de um relato de experiência em um artigo de caráter qualitativo com o intuito de analisar a complexidade dos conceitos musicais e educacionais envolvidos na abordagem interdisciplinar para se ensinar música. Teixeira, 2015 e Lima, 2007 ressaltam a importância da interdisciplinaridade como meio pedagógico facilitador do processo aprendizagem. Como resultados parciais dos quatro primeiros semestres de atividades (2014.1 a 2015.2) cujos temas desenvolvidos foram: Baião, Dorival Caymmi, Maracatu cearense e Clube da esquina, observou-se o envolvimento dos participantes no projeto criando uma aprendizagem compartilhada, em que são aproveitadas as bagagens teóricas de todos envolvidos. Percebemos ainda que a abordagem interdisciplinar suscitou a necessidade da compreensão de conteúdos inicialmente não previstos no planejamento do projeto, de forma a tornar a aprendizagem observada mais rica e aprofundada.

Palavras chave: Trilhas, educação musical, interdisciplinaridade.

Introdução

Relatamos neste trabalho as reflexões desenvolvidas dentro do Projeto Trilhas nos seus quatro primeiros semestres de existência (2014.1 a 2015.2). Idealizado e organizado por bolsistas do Programa de educação tutorial - PET do curso de música da Universidade Federal do Ceará, o projeto acontece com encontros quinzenais às segundas-feiras de 14h às 16h que também pode se adequar às atividades do curso de música. São aproximadamente 7 encontros entre planejamentos e ações durante o período letivo com o intuito de aplicar uma abordagem interdisciplinar no processo de ensino-aprendizagem de música. Os temas trabalhados nos quatro primeiros semestre de existência do projeto foram: “Baião”, “Dorival Caymmi”, “Maracatu cearense” e “Clube da esquina”. Com a realização de análise de músicas, solfejo, apreciação, consultas sobre história a música, composição e arranjo, as trocas de materiais e conhecimentos fazem do grupo um espaço de colaboração sob a perspectiva da pedagogia de projetos.

O projeto visa contribuir na construção de metodologias que possam ser aplicadas em sala de aula e por esse motivo discutimos inicialmente o surgimento da fragmentação disciplinar, suas consequências, assim como a importância da reintegração das mesmas. Exploramos em seguida os pressupostos da metodologia da pedagogia de projetos e por fim apresentamos os relatos dos encontros realizados.

A fragmentação do saber e sua desconstrução

A epistemologia tradicionalmente organizada aos modelos europeus desde a antiguidade e firmada a partir da Primeira Revolução Científica, instaurou-se nas instituições de ensino brasileiro nos diversos níveis. Esta tendência tradicional consolida a ideia de fragmentação e delimitação das relações entre os campos do conhecimento de maneira cada vez mais demarcada, o que gera inclusive subdivisões dentro dos próprios campos do conhecimento.

O conceito de interdisciplinaridade surge mais fortemente a partir do século XX, com o intuito de superar a ordem hierárquica positivista que enraizou a superespecialização das

diversas áreas do conhecimento, pois esta apesar de mostrar-se útil em algumas áreas, não colabora com outras que necessitam de uma apreensão mais ampla da realidade para o processo de criação e transformação do saber (TEIXEIRA, 2015, p. 12).

Aos poucos o positivismo conduziu a humanidade para o engessamento epistemológico, impossibilitando a abertura de novos saberes, novas disciplinas. Era importante uma inter-relação dinâmica entre as disciplinas para a constituição de um novo sistema científico. Sob essa perspectiva, a interdisciplinaridade impõe-se pela exigência de se criar um outro método de análise do mundo, uma vez que as disciplinas isoladas não podiam mais responder satisfatoriamente aos problemas da sociedade contemporânea. (LIMA, 2007, p. 51).

No que tange acerca da organização sequencial dos saberes em música, somos conduzidos a retardar em algumas atividades que são de grande relevância para o discente. Esse processo mantém latente a capacidade da descoberta, da investigação e autonomia dos mesmos.

No ensino musical universitário, por exemplo, o exercício da criação de arranjos tende a ser no mínimo desaconselhado antes do estudo das disciplinas de harmonia e contraponto. Entretanto, a profusão dessa lógica sequencial de disciplinas a percorrer enquanto trajetória curricular ajuda-me a pensar que a dificuldade não está em encontrar referências, livros e métodos em abundância que versem sobre cada um dos saberes listados, mas confirmar a possibilidade de melhorar o aprendizado a partir de uma reunião interdisciplinar. (TEIXEIRA, 2015, p. 24).

O conceito mais arcaico e mais conhecido de interdisciplinaridade refere-se a uma ideia de integração de diferentes disciplinas. Essa conceituação nos cria a necessidade de conceituar disciplina. Segundo Souza (2002, p. 19): “Disciplina pode ser definida como procedimento resultante da delimitação dos discursos em um corpo de objetivos, métodos, técnicas e instrumentos”. Assim, apoiamos a concepção de campos de conhecimento superespecializados em disciplinas, por mais que esses mesmos campos também se caracterizem como divisões disciplinares (TEIXEIRA, 2015, p.65).

Sendo a música nosso campo de conhecimento estudado e as disciplinas de história da música, apreciação musical, solfejo, análise, composição e arranjo suas subdivisões, adotamos a

categoria da interdisciplinaridade interativa (SCHÄFFER, 1995, apud TEIXEIRA, 2015), que consiste na interação de várias disciplinas com o objetivo de resolver um problema comum.

A interdisciplinaridade interativa permite um redimensionamento do conhecimento teórico e prático em uma relação mais recíproca, proporcionando uma maior qualidade na formação profissional discente (TEIXEIRA, 2015, p.71).

A pedagogia de projetos

A pedagogia de projetos mesmo de maneira ainda tímida, vem ganhado cada vez mais espaço enquanto método de ensino aprendizagem nas instituições tanto privadas quanto públicas de ensino. Como referência sobre a sua aplicabilidade podemos citar a Escola da Ponte (escola portuguesa que trabalha dentro de seus fundamentos).

A pedagogia de projetos deve permitir que o aluno aprenda-fazendo e reconheça a própria autoria naquilo que produz por meio de questões de investigação que lhe impulsionam a contextualizar conceitos já conhecidos e descobrir outros que emergem durante o desenvolvimento do projeto. Nessa situação de aprendizagem, o aluno precisa selecionar informações significativas, tomar decisões, trabalhar em grupo, gerenciar confronto de idéias, enfim, desenvolver competências interpessoais para aprender de forma colaborativa com seus pares. (PRADO, 2005, p. 15).

A pedagogia de projetos tem uma função interdisciplinar e isto ocorre por ela não se focar em uma disciplina específica, mas em um tema movedor de interesse. Logo, para sua compreensão plena serão necessários estudos direcionados para uma série de disciplinas específicas que terão significância concreta na vivência do aluno em contrapartida a uma abordagem que determina a disciplina como importante em si mesma.

Saberes em ação-relatos

O projeto Trilhas trabalhou as temáticas: Baião (2014.1), Dorival Caymmi (2014.2), Maracatu cearense (2015.1) e Clube da esquina (2015.2) com uma metodologia de trabalho que se inicia com o planejamento dos encontros do grupo e neles ocorrem a seleção do

material a ser trabalhado tais como: textos, músicas e vídeos. Nessas reuniões de planejamento são estipuladas responsabilidades entre os bolsistas organizadores, levando em consideração os temas de domínio de cada um. Incentivamos também o compartilhamento de saberes e experiências com dos que colaboram com o projeto independentemente de serem bolsistas ou não.

Baião

Abordado no decorrer do semestre 2014.1 o tema Baião, que foi inicialmente trabalhado a partir da análise do documentário: “O homem que engarrafava nuvens” sobre a vida de Humberto Teixeira. Os debates que se sucederam a partir dos vídeos trouxeram os pontos que nortearam o planejamento do encontro seguinte, como a necessidade de estabelecer a diferença entre os gêneros Baião e Coco, bem como a origem de tais gêneros musicais brasileiros ligada ao Lundu.

A partir disso escolhemos a música Coco do Norte, de Jackson do Pandeiro na intenção de trazer à baila a confusão terminológica entre os ritmos Coco e Baião e a partir disso suscitar os múltiplos aspectos que compõem e caracterizam o Baião para além dos instrumentos e da célula rítmica básica.

Pesquisamos também material sobre o Lundu e encontramos algumas gravações como: “Isto é bom”, de Xisto Bahia e um lundu anônimo do século XIX colhido por Mário de Andrade. Por fim, realizamos a escrita e a leitura rítmica da célula básica do ritmo Baião (duas colcheias pontuadas e uma colcheia em compasso dois por quatro), diferenciando-a da tercina (três semínimas preenchendo um compasso dois por quatro).

Iniciamos o encontro seguinte com a apreciação de um vídeo de Baden Powell tocando Asa Branca e analisamos a introdução da música construída sobre um improviso do violonista que gradualmente foi modulando até se estabilizar no modo mixolídio (característico do Baião).

Após esse dia uma das participantes movida pelos estudos que realizamos, compôs um Baião intitulado “A visita de Padim Ciço” e o apresentou ao grupo com a proposta de trabalhar conjuntamente um arranjo. Ela relatou que:

Foram os estudos realizados no decorrer dos encontros do grupo que capacitaram esse manuseio e maturidade na articulação do tema, das expressões utilizadas no gênero do Baião (incluindo alguns “erros” de português que foram colocados propositalmente), na estrutura das partes da música e nos acordes escolhidos para a melodia. (Comunicação verbal).

Por fim, realizamos um último encontro ao final do semestre, em que levamos instrumentos e trabalhamos livremente as ideias músicas que surgiram para a composição, exercitando a abertura de vozes e a inclusão de instrumentos percussivos.

Dorival Caymmi

No semestre de 2014.2 abordamos a obra de Dorival Caymmi influenciados pela comemoração de seu centenário. No primeiro encontro assistimos dois vídeos produzidos no primeiro semestre de 2014. O primeiro é um especial produzido pelo programa Caminhos da Reportagem da Tv Brasil. O segundo foi um trecho da série de 13 DVDs lançados sobre Chico Buarque em que ele realiza um depoimento sobre a “simplicidade elaborada” da letra de Caymmi e canta com o Caymmi a canção Maricotinha. Começamos assim a perceber o universo de Caymmi, de como outras pessoas o veem, sua influência em outros artistas, sua relação com a carreira de Carmen Miranda.

Em nosso segundo encontro assistimos ao programa VerTV do canal TV Brasil, cujo tema foi “A presença de Dorival Caymmi na TV”. Este programa teve como convidados o pesquisador da Universidade Federal da Bahia: Marielson Carvalho, autor do livro “Acontece que eu sou baiano – identidade e memória cultural no cancionário de Dorival Caymmi”, a jornalista Stella Caymmi (neta e biógrafa de Dorival Caymmi) e o produtor e diretor musical Carlos Alberto Sion. Realizamos enquanto assistíamos ao programa debates sobre a permanência de Caymmi por meio das novelas que utilizavam suas canções como por exemplo, Gabriela e Escrava Isaura, buscando aprofundar nossa discussão sobre a formação do gosto e o uso das mídias nestas construções.

Estes primeiros encontros nos deram a percepção da necessidade de conhecer Dorival Caymmi por ele mesmo e durante a busca por materiais de referência constatamos que a

maioria dos vídeos, livros, reportagens sobre ele utilizavam como referência o Programa Ensaio da TV Cultura gravado em junho de 1972. Reservamos então nosso terceiro encontro para tal vídeo. A partir do vídeo ficou mais evidente sobre Caymmi a técnica de canto empregada, suas articulações, forma de colocação da voz e o efeito que sua voz de barítono tem em suas letras. Observamos seu toque peculiar do violão com uma sonoridade própria. Percebemos a diversidade de sua obra quando ouvimos seus sambas-canções e neste ponto também nos chamou a atenção a influência do jazz em alguns dos arranjos de suas músicas.

No encontro seguinte escutamos as canções do disco “Canções praieiras” e debatemos sobre as mesmas ao final. Durante a execução do disco cada participante escrevia sua percepção tanto cognitiva (conhecimento e habilidades intelectuais: conceituar, analisar, sintetizar, categorizar) quanto afetiva (sentimentos gerados, envolvimento, atitudes, preferências). Analisando sua interpretação, harmonização, letra e timbragem consideramos que o disco está articulado como se estivesse contando a história de uma vila de pescadores. Este disco é perfeitamente passível de uma montagem teatral com suas partes muito bem estabelecidas através de sua relação com a canção anterior e a seguinte.

Os alunos bolsistas envolvidos na organização do projeto se dispuseram a realização da leitura do livro “Caymmi, Sem Folclore” de 1976, escrito por André Rodrigues para possuírem maior propriedade para as discussões. Um dos pontos relevantes apontados foi o fato de termos verificado que Caymmi não está associado a um movimento específico da música brasileira, mas, que ele deu sua contribuição a cada um, o que justifica a sua atemporalidade.

Nesse momento de apreciação musical um dos colegas colaboradores do projeto, que estava participando do encontro pela primeira vez, externalizou ser possuidor de uma coletânea de discos de Dorival Caymmi e que no encarte e embalagem desta coletânea havia bastante informação sobre o autor como por exemplo, traços importantes de sua trajetória e algumas curiosidades.

Diante desta afirmação o convidamos para ficar à frente do encontro seguinte do grupo e nos trazer tais contribuições, o que resultou numa excelente apresentação em slides sobre Dorival Caymmi, tendo como base sua coletânea de discos da obra do autor.

Em nosso último encontro realizamos um debate sobre o caminho percorrido durante o semestre, a maneira como a nossa percepção sobre Caymmi se modificou e a forma como a relação entre os participantes possibilitou este processo.

Maracatu cearense e clube da esquina

O tema proposto para o semestre de 2015.1 foi o maracatu cearense, que foi trabalhado em 7 encontros entre planejamentos e ações quinzenais. No citado semestre a maioria dos alunos bolsistas que faziam parte da organização do projeto Trilhas, estava matriculada na disciplina de história da música cearense então, acreditamos que isso tenha influenciado na escolha do tema.

O primeiro encontro do projeto nesse semestre foi voltado para uma breve apresentação dos objetivos almejados, explicou-se o caráter qualitativo do projeto e o possível cronograma do qual relatamos a flexibilidade em função do esperado surgimento de dúvidas que acarretavam em uma mudança.

Após esse momento mais informativo o encontro foi direcionado para o bolsista organizador do projeto (que antes de ser bolsista, frequentava como colaboradora os encontros do Trilhas nos semestres anteriores) prosseguir com o desenvolvimento do tema.

A abordagem inicial foi sobre a história do maracatu aliada a apreciação que utilizou como fonte o o livro: “Maracatu Az, 70 anos de memórias, loas e batuque”, com autoria de Pingo de Fortaleza (2007). Neste livro vimos o significado do maracatu enquanto manifestação cultural, sua dramatização, seus personagens e os instrumentos característicos.

Depois de exposta a existência de diversos tipos de maracatu (rural, cearense, baque virado e pernambucano), assistimos ao vídeo: “Maracatu rural” disponibilizado no site *YouTube*, (link: https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=YadbHxXOhFE). Ainda sobre os tipos de maracatu verificamos as diferenças entre o maracatu cearense e o maracatu pernambucano, que está disposta nos distintos personagens e na diferença de andamento (o maracatu cearense é mais lento).

Ao final do encontro um dos colaboradores compartilhou que fazia parte de um grupo de dança regional e que uma dança que eles estavam trabalhando era muito semelhante ao que havíamos assistido no vídeo. A partir desta informação propomos que ele nos trouxesse no encontro seguinte um material mais detalhado sobre o maracatu rural.

No segundo encontro assistimos a gravação de uma entrevista que foi realizada por um dos bolsistas com o mestre de cultura Descartes Gadelha em que ele fala sobre a evolução do maracatu, dificuldades e desafios. Posteriormente a esse momento do encontro o colaborador que no encontro anterior havia se comprometido em nos trazer algo mais aprofundado sobre maracatu rural, nos mostrou sua pesquisa e nos surpreendeu por tê-la incrementado falando também dos instrumentos utilizados por meio de imagens e áudios com o som desses instrumentos.

No encontro seguinte foi dada mais ênfase à parte rítmica do maracatu como uma prática instrumental e trabalhamos com partituras dos grupos de maracatus de Fortaleza como Maracatu Solar, Az de Ouro, Rei Zumbi e Vozes da África. Realizamos a atividade de solfejo rítmico e como não tínhamos disponíveis todos os instrumentos específicos do maracatu, improvisamos a tal prática usando congas, triângulo, *cowbell* e *djembé* que revezamos uns com os outros.

Ao final do encontro tocamos e cantamos a música “Pavão Misterioso” do compositor Ednardo que tem como principal característica o ritmo do maracatu cearense, trabalhamos também a música “Noite azul”, do compositor Parahyba Kid e Pingo de Fortaleza.

A fim de integrar não apenas os alunos do curso de música, mas também dos diferentes cursos da universidade bem como a comunidade, o Trilhas organizou uma palestra com o diretor do grupo de maracatu cearenses, Maracatu Rei Zumbi, Teonildo Lima.

O último encontro se deu com uma vivência com o grupo de música percussiva do curso de música da Universidade Federal do Ceará: grupo de música percussiva acadêmicos da casa caiada.

Como fruto dos conhecimentos adquiridos e compartilhados nos encontros e vivências podemos citar que uma participante do projeto compôs um maracatu chamado: “Brincar de maracatu” em que utilizou os ritmos aprendidos, uma letra empolgante e animada.

No semestre de 2015.2 optamos por trabalhar uma temática mais distante da nossa experiência musical que estava mais próxima do regional, então decidimos abordar o tema “Clube da esquina”. Realizamos duas reuniões de planejamento para fecharmos o cronograma, as formas de divulgações e as ações que faríamos no decorrer dos encontros, porém, em razão de diversas atividades extra no calendário acadêmico e alguns imprevistos ocorridos durante esse semestre decidimos não dar continuidade ao tema a fim de fazermos um projeto mais denso para o semestre seguinte.

Considerações finais

Consideramos que a abordagem interdisciplinar enquanto proposta pedagógica agrega à formação de futuros professores maior integração do saber, melhor dinâmica de aula que leva em consideração as bagagens teóricas e vivências dos estudantes como parte integrante do processo. “Na maioria das vezes, na vivência da criação artística, buscamos a não-divisão, a vivência de uma arte total” (SILVINO, 2011, p. 39).

Ao longo dos quatro semestres realizados pesquisamos sobre os temas escolhidos: história da música, solfejo, conhecimentos de análise harmônica, e muitas vezes tudo isso culminou em uma criação musical de produção espontânea e colaborativa.

Podemos observar que a postura de acolher curiosidades, dúvidas e inquietações dos demais participantes, possibilitou um ambiente de aprendizagem que não era carregado de obrigações ou imposições autoritárias de conteúdo, fato importante para o professor de música que atuará no ensino básico.

No decorrer do desenvolvimento do projeto percebemos uma inclinação positiva dos participantes com relação a proposta interdisciplinar e colaborativa apresentada pelo Trilhas. Apontamos também que dois participantes colaboradores do Trilhas posteriormente passaram a integrar o grupo de bolsistas que organizam o projeto.

A interdisciplinaridade aplicada através da pedagogia de projetos contribui no desenvolvimento da capacidade de o educador musical trabalhar com uma metodologia de ensino que promova a motivação por descobertas, a investigação e criação de novos saberes tornando o processo de ensino-aprendizagem uma constante descoberta colaborativa.

Referências

FORTALEZA, Pingo de. **Maracatu Az de Ouro, 70 anos de memórias, loas e batuque**. Fortaleza, OMNI editora. 2007.

KLEBER, M. O.; SANTOS CACIONE, C. E. dos. **Uma experiência interdisciplinar no curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Londrina**. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 23, 75-83, mar. 2010.

LIMA, S. A. de. **Interdisciplinaridade: Uma prioridade para o ensino musical**. v. 7, n.º 1, São Paulo: Música Hodie, 2007, p. 51-65. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/musica/article/view/1754/12184> . Acesso em 8 de agosto de 2014.

MAFFLIOTTI, L.A. **Uma visão interdisciplinar para a educação musical**. Cadernos de Estudo - Educação Musical Nº4/5 – São Paulo, nov. 1994. Disponível em: http://www.atravez.org.br/ceem_4_5/visao_interdisciplinar.htm Acesso em 10 de agosto de 2014.

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. **Pedagogia de projetos: fundamentos e implicações**. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel (Org.). Integração das tecnologias na educação. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2005. cap. 1, artigo 1.1, p. 12-17. Disponível em: http://www.virtual.ufc.br/cursouca/modulo_4_projetos/conteudo/unidade_1/Eixo1-Texto18.pdf Acesso em: 14 maio de 2016.

SILVINO, I. “...ah, se eu tivesse asas...”, Fortaleza, Editora DIZ, 2011.

SOUZA, Ana Guiomar Rego. **Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no conhecimento musical**, In: ANAIS DO II SEMINÁRIO DE PESQUISA EM MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2002. p. 18-44.

TEIXEIRA, J. A. **O ensino musical interdisciplinar de harmonia, contraponto, solfejo e arranjo como estratégia de produção de conhecimento**. 2015. 159 f. : il. color., enc. ; 30 cm. Tese (Doutorado em educação brasileira). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. Ceará, 2015.